

Associação entre *bullying* e variáveis sóciodemográficas de adolescentes de cidades pequenas do interior de Santa Catarina (SC) – Brasil

Bullying between adolescents residents in the countryside of Santa Catarina – Brazil

Bullying entre adolescentes del interior de Santa Catarina - Brasil



Marcela Almeida Zequinão

Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

e-mail: marcelazequinão@gmail.com



Beatriz Pereira

Universidade do Minho, Centro de Investigação em Estudos da Criança, Braga, Portugal.

e-mail: beatriz@ie.uminho.pt



Maria Teresa Ceron Trevisol

Universidade do Oeste de Santa Catarina, Joaçaba, Santa Catarina, Brasil.

e-mail: mariateresa.trevisol@unoesc.edu.br

Resumo: O objetivo deste artigo foi analisar o *bullying* e suas associações com variáveis sociodemográficas de adolescentes do interior de SC. Em relação ao método, participaram 539 adolescentes do Oeste de SC. As variáveis sociodemográficas e os papéis de participação no *bullying* foram identificados pelo Questionário de Olweus. Como resultado, verificaram-se 22,8% de ocorrência de *bullying* com vítimas, agressores e vítimas-agressoras. Papéis no *bullying* associaram-se ao sexo e prática de atividade física. Como consequência disso, os meninos mais envolvidos em todos os papéis, os agressores e as vítimas-agressoras, praticavam mais atividade física. Disso, conclui-se que a participação no *bullying* em

idades do interior é semelhante à nacional. Ressalta-se a importância de direcionamento das atividades físicas de forma assertiva para combater o *bullying*.

Palavras-chave: *Bullying*. Adolescentes. Atividade física.

Abstract: Aim: to analyze bullying and associations with sociodemographic variables of adolescents from the countryside of SC. Method: 539 adolescents from Western SC participated. The sociodemographic variables and the roles of participation in bullying were identified by the Olweus Questionnaire. Result: there was a 22.8% occurrence of bullying with victims, bullies and bully-victims. Roles in bullying were associated with sex and physical activity, with the boys most involved in all roles and the bullies and the bully-victims who practiced the most physical activity. Conclusion: The participation in bullying in countryside cities is similar to national. The importance of directing physical activities in an assertive way to combat bullying is emphasized.

Keywords: Bullying. Adolescents. Physical activity.

Resumen: Objetivo: analizar el bullying y las asociaciones con variables sociodemográficas de adolescentes del interior de SC. Método: participaron 539 adolescentes del Oeste de SC. Variables sociodemográficas y papeles de participación en el bullying fueron identificados por el Cuestionario de Olweus. Resultado: se verificó 22,8% de ocurrencia de bullying con víctimas, agresores y víctimas-agresoras. Papeles en el bullying se asociaron a sexo y práctica de actividad física, con los niños más involucrados en todos los papeles y los agresores y las víctimas-agresoras los que más practicaban actividad física. Conclusión: participación en el bullying en ciudades del interior es similar a la nacional. Se resalta la importancia de dirigir las actividades físicas de forma asertiva.

Palabras clave: Bullying. Los adolescentes. Actividad física

Submetido em: 19-06-2019

Aceito em: 23-06-2020

Introdução

É comum observar na literatura que, em se tratando de violência na juventude, muitos estudos são realizados em contextos urbanos ou suburbanos. De acordo com Lai (1999), tal situação deve-se ao mito de que, em cidades pequenas ou do interior, a violência raramente acontece, sendo então considerados contextos mais seguros. De fato, alguns estudos apontam que há uma maior exposição à violência entre os jovens de escolas situadas em grandes centros urbanos (HARDEN *et al.*, 2009; WEENINK, 2011; MAZUR *et al.*, 2017). Sabe-se que, nas grandes cidades, há diversos fatores que contribuem para que um maior número de pessoas se encontre em situação de vulnerabilidade social (MAZUR *et al.*, 2017), a qual pode ser reconhecida como determinante no agravamento de situações e problemáticas da vida cotidiana em diferentes áreas, como saúde, educação e assistência social (AYRES *et al.*, 2003).

No que tange à educação, contextos vulneráveis contribuem para um tipo específico de violência na escola, o *bullying* escolar. Diversos aspectos relacionados a esses contextos expõem crianças e adolescentes à alta vulnerabilidade, tornando-os mais suscetíveis ao envolvimento do fenômeno (ZEQUINÃO *et al.*, 2017). Em um estudo realizado com 4.085 alunos da Polônia, verificou-se que os comportamentos delinquentes dos estudantes tiveram um efeito relevante sobre o índice de *bullying* apenas em escolas localizadas em comunidades urbanas; enquanto nas cidades semiurbanas e comunidades rurais, o capital social da vizinhança do local de residência dos participantes foi um forte fator protetor para o envolvimento nesse tipo de violência (MAZUR *et al.*, 2017).

Contudo, Lai (1999) questiona a ideia de que cidades pequenas, rurais ou do interior sejam consideradas seguras ou que estejam livres do *bullying* escolar. Em seu estudo, com 347 adolescentes de uma pequena cidade do Canadá, o autor define como alarmante a frequência de violência experimentada e observada na escola

pelos participantes da pesquisa. Nesse estudo, foi encontrado que mais de 2/3 dos adolescentes sofreram intimidação; aproximadamente 7 de 10 adolescentes tiveram algo roubado; quase 7 de 10 adolescentes cometeram pelo menos um tipo de violência contra os colegas; e 9 de 10 adolescentes viram alguém sofrendo algum tipo de *bullying* na escola.

Nessa mesma direção, outro estudo realizado para analisar casos de suicídios entre crianças e adolescentes em diversas regiões da Itália verificou que o *bullying* foi considerado a segunda principal causa para que os jovens tirem a própria vida (FERRARA *et al.*, 2014). Além disso, outro importante resultado ressaltado pela pesquisa foi que, entre os 55 casos de suicídios analisados, 38 (69,1%) ocorreram em cidades com <100.000 habitantes e, destes, 50% (19/38) em cidades menores que 25.000, enquanto apenas 17 dos 55 ocorreram em cidades com >100.000 habitantes.

De acordo com Carrington *et al.* (2013), nessas comunidades existem diversas formas ocultas de violência, por exemplo, o *bullying*, o suicídio, a homofobia, a agressão sexual, a violência doméstica e familiar. Muitos autores que estudam essa relação entre violência e cidades pequenas apontam questões econômicas, sociais e culturais como possíveis fatores causais, dentre os quais podem-se citar: aspectos geográficos; normas sociais e atitudes específicas para a vida nessas comunidades; dificuldade no acesso à informação e aos serviços de apoio; falta inerente de serviços de saúde (CARRINGTON *et al.*, 2013; FERRARA *et al.*, 2014; CAMPO E TAYTON, 2015).

Corroborando essa ideia, estudos realizados no Canadá para análise de vitimização na escola com base na orientação sexual dos participantes identificaram que os estudantes residentes em cidades pequenas relataram maiores índices de vitimização (KOSCIW *et al.*, 2012; TSAI, 2014). No estudo de Tsai (2014) foi realizada uma entrevista com um homem vítima de *bullying*, na qual relatou as experiências vividas em função da sua orientação sexual nas áreas rurais da América do Norte durante a década de 1960. Nesse relato, foi possível identificar três temas dominantes na percepção do

participante sobre sua experiência de ser intimidado que expressam algumas características existentes nesses contextos: relação com práticas esportivas e os professores de Educação Física; ideologias de religião conservadora e política conservadora; e ambiente doméstico disfuncional.

Embora saiba-se que o *bullying* é um problema de saúde pública que atinge escolares das mais diversas regiões, culturas e classes sociais de todo o mundo, as constatações citadas nos estudos apresentados anteriormente suscitam questionamentos em relação a como o fenômeno *bullying* acontece também em escolas situadas nas cidades pequenas do interior do Brasil.

Problema

O estudo leva em conta que, no Brasil, se entende por cidades pequenas aquelas com até 100.000 mil habitantes, e do interior aquelas que não são capitais do estado e nem fazem parte da sua região metropolitana (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE, 2010). A partir disso, será que a ocorrência de *bullying* em cidades pequenas do interior do Brasil se dá de forma semelhante aos dados já apresentados na literatura nacional e internacional? Como esse fenômeno se caracteriza nas pequenas cidades do interior do Brasil?

Objetivo

A partir dos questionamentos apresentados, o presente estudo surge com o intuito de analisar a ocorrência de *bullying* e as associações com variáveis sociodemográficas de adolescentes que residem no interior de Santa Catarina.

Métodos

Design

A pesquisa realizada, de base empírica, se caracteriza como um estudo de cunho exploratório, de amostragem intencional e corte transversal, realizado em duas cidades do Oeste do estado de Santa Catarina, na Região Sul do Brasil. Ambas as cidades atendem aos critérios definidos pelo IBGE no que tange às definições de cidade pequena e do interior, pois apresentam respectivamente 27.020 e 21.239 habitantes de acordo com o Censo de 2010 e não fazem parte de regiões metropolitanas do estado (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE, 2010).

Esta pesquisa ocorreu entre os meses de novembro e dezembro de 2017 e faz parte de um macroprojeto aprovado junto ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, da Universidade do Oeste, de Santa Catarina (CEP/UNOESC), segundo o parecer número 2.444.528.

Participantes e procedimentos

A seleção das escolas foi intencional, de acordo com a indicação da Gerência de Educação da região (GERED). Com isso, participaram do estudo duas escolas públicas estaduais. Após essa seleção, foram convidados a participar todos os adolescentes do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, de ambos os sexos, matriculados no período vigente do estudo. Assim, participaram deste estudo 539 adolescentes, com idade média de $13,4 \pm 1,35$, residentes em duas cidades do Oeste de Santa Catarina, na região Sul do Brasil.

Previamente à coleta dos dados, os pais, as crianças e os adolescentes receberam informações detalhadas sobre a pesquisa. Os participantes foram devidamente esclarecidos sobre o estu-

do e explicitaram sua anuência em participar por meio do Termo de Assentimento (TA), que foi elaborado em linguagem clara e acessível para os menores de idade. Da mesma forma, foi enviado aos pais e/ou responsáveis o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), documento no qual é explicitado o consentimento do responsável legal da criança.

Após a entrega dos termos de consentimento e assentimento assinados, todos os participantes responderam ao questionário de autorrelato sobre sua participação no *bullying* e características sociodemográficas, o qual foi aplicado e supervisionado por dois pesquisadores treinados para esclarecer qualquer dúvida dos participantes.

O único critério de exclusão adotado no recrutamento dos participantes foi apresentar alguma deficiência intelectual que impedisse a compreensão dos instrumentos, com base na indicação do Atendimento Escolar Especial (AEE) das escolas.

Variáveis

Para descrever as características sociodemográficas e os possíveis papéis de participação no *bullying* foi utilizado o Questionário de Olweus (1996). Por meio de duas questões, foi possível estabelecer o perfil dos participantes. A primeira questão perguntava quantas vezes, nos últimos três meses de aula, o participante tinha sido vítima de *bullying* escolar; a segunda, por sua vez, perguntava quantas vezes o participante tinha sido agressor. Com as informações obtidas por meio daqueles que responderam que foram vítimas e agressores três ou mais vezes, criou-se uma variável "vítima-agressora". Assim, os participantes foram classificados em 04 categorias de participação no *bullying*: "não participa", "vítima", "agressor" e "vítima-agressora".

Análise estatística

Os dados foram analisados pela estatística descritiva (distribuição de frequência) e pela estatística inferencial, por meio do teste qui-quadrado, utilizado para verificar as associações entre as variáveis categóricas. Em todas as análises, adotou-se o nível de significância de 5%, utilizando o programa estatístico SPSS, versão 20.0.

Resultados

Em relação ao total de participantes, foi verificada uma ocorrência de participação no *bullying* de 22,8%. Os adolescentes que estavam envolvidos em alguma situação de *bullying* distribuíram-se entre os papéis de vítimas (17,4%), agressores (3,5%) e vítimas-agressoras (1,9%), conforme consta na Tabela 1.

Tabela 1. Papéis de participação no *bullying*.

Variáveis	Total	Não Participa	Vítimas	Agressores	Vítimas-agressoras
	n(%)	n(%)	n(%)	n(%)	n(%)
Papéis de participação no <i>Bullying</i>	539(100,0)	416(77,2)	94(17,4)	19(3,5)	10(1,9)

n: número de participantes
Fonte: Elaboração própria (2019).

Com relação às características sociodemográficas dos participantes, verificou-se que os papéis de participação no *bullying* estiveram significativamente associados ao sexo e à prática de atividade física, sendo os meninos os mais envolvidos em todos os papéis de participação no *bullying* ($p=0,016$); e os agressores e as

vítimas-agressoras sendo aqueles que mais praticavam atividade física ($p=0,016$). Já o ano de escolaridade não esteve associado a nenhum dos papéis ($p=0,349$), o que indica uma certa homogeneidade no que tange à participação no *bullying* ao longo dos últimos anos do Ensino Fundamental.

Tabela 2. Associação entre os papéis de participação no *bullying* e as características sociodemográficas dos participantes.

Variáveis	Total	Não Participa	Vítimas	Agressores	Vítimas-agressoras	p-valor*
	n(%)	n(%)	n(%)	n(%)	n(%)	
Sexo						0,016
Meninos	268(49,8)	193(46,5)	54(57,4)	13(68,4)	8(80,0)	
Meninas	270(50,2)	222(53,5)	40(42,6)	6(31,6)	2(20,0)	
Ano de escolaridade						0,349
6º ano	115(21,4)	83(20,0)	25(26,9)	5(26,2)	2(20,0)	
7º ano	173(32,2)	128(30,8)	37(39,8)	6(31,6)	2(20,0)	
8º ano	156(29,0)	129(31,0)	20(21,5)	4(21,1)	3(30,0)	
9º ano	94(17,4)	76(18,2)	11(11,8)	4(21,1)	3(30,0)	
Pratica Atividade Física						0,016
Não	281(53,5)	225(55,7)	49(52,7)	4(21,1)	3(33,3)	
Sim	244(46,5)	179(44,3)	44(47,3)	15(78,9)	6(66,7)	

n: número de participantes

* Teste Qui quadrado

Fonte: Elaboração própria (2019).

Discussão

Os dados produzidos no presente manuscrito indicaram que 22,8% dos adolescentes participantes do estudo, que residiam em cidades pequenas do interior do estado de Santa Catarina, estavam vivenciando alguma situação de *bullying* enquanto vítimas (17,4%), agressores (3,5%) e vítimas-agressoras (1,9%). Embora o bullying venha sendo bastante estudado no Brasil e no mundo, em termos comparativos, torna-se difícil analisar esses percentuais em relação a outras pesquisas, tendo em vista que muitos são os instrumentos utilizados para mapear esse fenômeno nas escolas. Contudo, em uma pesquisa realizada na capital do estado de Santa Catarina, na qual foi utilizado o mesmo questionário e a mesma classificação para os papéis de participação no bullying, foi encontrada uma pequena diferença entre esses percentuais, sendo que 30,0% dos participantes estavam envolvidos em bullying, dentre os quais 17,0% foram vítimas, 8,1% agressores e 4,9% vítimas-agressoras (ZEQUINÃO *et al.*, 2016). Entretanto, ressalta-se que, no estudo citado, a média de idade dos participantes foi 11,14 anos, inferior à média de idade dos participantes do presente estudo ($X=13,4$), o que justifica um maior percentual de envolvimento no bullying, pois, de acordo com a literatura, esse tipo de comportamento ocorre principalmente nos anos escolares iniciais e é mais prevalente entre os alunos mais jovens (LOPES NETO, 2005; PEREIRA, 2006; ALMEIDA *et al.*, 2008).

No Brasil, em 2009, foi realizada a Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) (Instituto Brasileiro De Geografia E Estatística - Ibge, 2009), que consiste na primeira iniciativa nacional para obter dados de relatos de adolescentes sobre fatores de risco e proteção, dentre os quais estão questões relacionadas ao *bullying*. A PeNSE já está na sua terceira edição, sendo a segunda realizada em 2012 (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE, 2013) ²⁰ e a última em 2015 (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE, 2016). Nessas pesquisas foram

feitas duas perguntas com relação às situações em que os adolescentes se declaravam vítimas ou agressores de *bullying*. De acordo com os resultados apresentados nos anos de 2009, 2012 e 2015, os percentuais daqueles que foram vítimas na maior parte das vezes ou sempre, consistiram em 5,4%, 7,2% e 7,4%, respectivamente. Já os agressores foram classificados apenas nas edições de 2012 e 2015, sendo encontrados os percentuais de 20,8% e 19,8% respectivamente. Em termos gerais sobre envolvimento no *bullying* (ao serem somados os percentuais de vítimas e agressores das duas últimas edições da pesquisa nacional), têm-se resultados aproximados (28,0% e 27,2%) do encontrado na presente pesquisa (22,8%). Contudo, embora a pesquisa nacional não deixe claro como os agressores foram classificados, ao serem analisados os papéis de participação no *bullying*, tais resultados apontam uma inversão na quantidade de vítimas e agressores quando comparados aos participantes deste estudo, que apresentou maior número de vítimas e menor de agressores.

Por outro lado, em outra grande pesquisa realizada no Brasil, a partir de um levantamento sobre os índices de prevalência desse tipo de violência, realizado no ano de 2002, em uma amostra de 5.500 estudantes, apesar de ter sido encontrado um maior percentual de participação nesse fenômeno, em que 40,5% dos participantes estavam envolvidos em situações de *bullying*, os percentuais de vítimas e agressores foram aproximados aos do presente estudo (16,9% e 12,7% respectivamente), sendo encontrada maior diferença apenas no que tange ao perfil das vítimas-agressoras (10,9%) (LOPES NETO, 2005). Já em termos internacionais, em uma grande pesquisa realizada em 50 estados e no Distrito de Columbia, nos Estados Unidos, com 15.503 estudantes, em 158 escolas, verificou-se um percentual de 20,1% para a participação enquanto vítimas, valor semelhante ao encontrado no presente estudo (EATON *et al.*, 2012). Esses resultados indicam que, embora existam algumas variações quanto aos percentuais identificados nas diferentes pesquisas, o *bullying* é um fenômeno que atinge os escolares em geral, independente do país ou do nível socioeconômico.

mico e cultural em que se encontrem, sendo verificado inclusive entre aquelas que residem em regiões consideradas mais tranquilas, como as interioranas.

Com relação ao sexo dos participantes, os resultados encontrados neste estudo estão de acordo com a maioria das pesquisas sobre *bullying*, as quais vêm apontando os meninos como os mais envolvidos nesse tipo de violência em todos os papéis apresentados (OLWEUS, 1993; CHANG *et al.*, 2013; OBRDALJ *et al.*, 2013; YANG *et al.*, 2013; ARCHIMI e KUNTSCHE, 2014; ISMAIL *et al.*, 2014; MOORE *et al.*, 2014; WONG *et al.*, 2014). Pode-se dizer que o sexo é um fator relevante no estudo da agressividade, o qual vem sendo explicado inclusive pela evolução humana. De acordo com Brannon (1999), os estereótipos de masculinidade coíbem, desde cedo, qualquer demonstração de fragilidade dos homens, enquanto as mulheres encontram maior suporte social nesse aspecto em todas as idades. Assim, os homens sentem maior necessidade em demonstrar agressividade, enquanto as meninas tendem a apresentar, em média, um comportamento menos agressivo que os meninos (CAIRNS *et al.*, 1989). Esses dados também estão de acordo com as teorias que apontam os meninos como mais suscetíveis as influências dos pares no grupo, bem como mais competitivos por dominância social e status do que as meninas (SIJTSEMA *et al.*, 2009; SALMIVALLI, 2010; NOCENTINI *et al.*, 2013). Ademais, é comum que muitas meninas reforcem a competitividade entre os meninos, fazendo com que eles se tornem mais agressivos e briguem entre si em busca de popularidade (LEVANDOSKI e CARDOSO, 2013).

No entanto, esta já não é mais uma unanimidade entre os pesquisadores, pois alguns estudos vêm apresentando outros resultados em relação às diferenças entre os sexos no *bullying* escolar (BENTLEY e LI, 1995; BALDRY, 2003; KUBWALO *et al.*, 2013; CLEVELAND, 2014; ZEQUINÃO *et al.*, 2016). Em um estudo realizado com crianças em situação de vulnerabilidade social residentes em periferias urbanas da capital catarinense, não foram encontradas associações significativas entre o sexo e os papéis de participação no bullying (ZEQUINÃO *et al.*, 2016). Esse fato vai ao encon-

tro do estudo de Brannon (1999), no qual a autora evidencia que em contextos extremamente violentos, como no caso das “gângues”, ambos os sexos fazem uso da violência para alcançar seus objetivos. Por outro lado, o que se tem observado também é que, principalmente nas regiões mais urbanas e com maior diversidade cultural, as diferenças de gênero entre os sexos estão ficando cada vez menores, com mulheres assumindo papéis até então assumidos por homens, sendo o contrário também verdadeiro. Tal situação é o reflexo da mudança no que tange à identidade de gênero, que pode futuramente mudar, inclusive, as diferenças entre os sexos em questões bem definidas em determinadas culturas (BRANNON, 1999).

Outro aspecto relevante encontrado neste estudo foi a associação dos agressores e vítimas-agressoras com a maior prática de atividade física. Embora as metodologias adotadas para tais conclusões sejam controversas, alguns estudos indicam que os agressores praticam mais exercícios físicos que os outros papéis assumidos no *bullying* (CARVALHOSA *et al.*, 2001; PEGUERO, 2008; RAIMUNDO e SEIXAS, 2009). Ademais, alguns estudos vêm indicando que os agressores constituem o grupo de crianças e adolescentes que apresenta melhor desempenho motor e, conseqüentemente, também apresenta vantagens em determinadas brincadeiras, esportes e lutas (HIGGINS, 1994; WOLKE *et al.*, 2001; FREIRE *et al.*, 2006; PERREN e ALSAKER, 2006; BOTELHO e SOUZA, 2007; PIEK *et al.*, 2010; LEVANDOSKI e CARDOSO, 2013). A relação de causalidade entre ser agressor e o desempenho motor não é clara, contudo, boas habilidades motoras podem ser características dos agressores tanto pelo aumento da sua popularidade entre os pares, quanto por dar maiores qualidades físicas para intimidar os outros colegas.

Entretanto, a prática de atividades físicas não deve ser vista como algo prejudicial ao desenvolvimento dos adolescentes, muito pelo contrário. Quando aplicada de forma assertiva, a atividade física pode ser fundamental no processo de combate ao *bullying*, pois, por meio dessa prática, os agressores podem aprender a re-

direcionar seu potencial motor ao nível da sua capacidade de liderança e, com o auxílio dos professores, podem encontrar maneiras positivas de ganhar poder e *status* entre os seus pares (WOLKE *et al.*, 2001; PEPLER *et al.*, 2008). Já as crianças e adolescentes vítimas podem utilizar o exercício físico para melhorar sua coordenação motora, reduzir a ansiedade e, conseqüentemente, melhorar a autoconfiança e seus relacionamentos com os pares (OLWEUS, 1993; MELIM e PEREIRA, 2013).

Dessa forma, conclui-se que, no presente estudo realizado com adolescentes que residem no interior do Estado de Santa Catarina, foi possível identificar que o percentual de participação no *bullying*, mesmo em cidades consideradas pequenas, é semelhante ao percentual nacional. Embora haja diferenças nos percentuais em relação aos papéis de participação nesse fenômeno, o *bullying* se fez presente de forma expressiva. Contudo, também foi possível verificar que os resultados encontrados, apesar de irem ao encontro da literatura, possuem características que reforçam um comportamento conservador e que parecem estar intimamente relacionadas à cultura interiorana, como, por exemplo, o maior envolvimento dos meninos no *bullying* e a maior prática de atividade física dos agressores e vítimas-agressoras.

Assim, ressalta-se a importância de um direcionamento das atividades físicas de forma assertiva para o combate ao *bullying* entre os adolescentes, principalmente entre os meninos. Mas também sugere-se a criação de políticas públicas que visem ao rompimento dos paradigmas relacionados aos estereótipos de masculinidade que ainda são propagados em determinadas culturas, o que pode causar grande sofrimento aos meninos, principalmente aos que são vítimas de *bullying* e que não encontram o suporte social necessário para reagir frente a essa situação de violência.

Como limitações deste estudo, destaca-se: 1) a realização de uma pesquisa não probabilística não permite que os resultados encontrados possam ser estendidos de maneira geral a toda a população do interior do estado de Santa Catarina; 2) o delineamento transversal do estudo impede estabelecimento de causali-

dades. Sugere-se que, em pesquisas futuras, tais limitações sejam superadas, podendo confirmar ou não os resultados encontrados no presente estudo.

Referências

ALMEIDA, K.; SILVA, A.; CAMPOS, J. Importância da identificação precoce da ocorrência do bullying: uma revisão de literatura. **Revista de Pediatria**, BRA, v. 9, n. 1, p. 8-16, 2008.

ARCHIMI, A.; KUNTSCHE, E. Do offenders and victims drink for different reasons? Testing mediation of drinking motives in the link between bullying subgroups and alcohol use in adolescence. **Addict Behav**, EUA, v. 39, n. 3, p. 713-6, Mar 2014. ISSN 1873-6327. Disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/24321695>.

AYRES, J. D. C. *et al.* O conceito de vulnerabilidade e as práticas de saúde: novas perspectivas e desafios. *In*: CZERESNIA, D. e FREITAS, C. (Ed.). **Promoção da saúde: conceitos, reflexões, tendências**, Rio de Janeiro, Fiocruz, 2003. p.117-39.

BALDRY, A. C. Bullying in schools and exposure to domestic violence. **Child Abuse Negl**, EUA, v. 27, n. 7, p. 713-32, Jul/2003. ISSN: 0145-2134. Disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/14627075>.

BENTLEY, K.; LI, A. Bully and victim problems in elementary schools and students' beliefs about aggression. **Canadian Journal of School Psychology**, EUA, v. 11, n. 2, p. 153-65, 1995.

BOTELHO, R.; SOUZA, J. Bullying e Educação Física na escola: Características, casos, consequências e estratégias de prevenção. **Revista da Educação Física**, Maringá, v. 139, 2007.

BRANNON, L. **Gender: psychological perspectives**. Boston, Allyn and Bacon, 1999.

CAIRNS, R. *et al.* Growth and aggression: I. Childhood to early adolescence. **Developmental Psychology**, EUA, v. 25, p. 320-30, 1989.

CAMPO, M.; TAYTON, S. Domestic and family violence in regional, rural and remote communities. **Melbourne, Australia: Australian Institute of Family Studies**, 2015.

CARRINGTON et al. Rural masculinities and the internalisation of violence in agricultural communities'. **International Journal of Rural Criminology**, EUA, v. 2, n. 1, p. 3-24, 2013.

CARVALHOSA, S. D.; LIMA, L.; MATOS, M. D. Bullying – A provocação/vitimação entre pares no contexto escolar português. **Análise Psicológica**, Lisboa, v. 4, n. 19, p. 523-37, 2001.

CHANG, F. C. et al. Relationships among cyberbullying, school bullying, and mental health in Taiwanese adolescents. **J Sch Health**, EUA, v. 83, n. 6, p. 454-62, Jun/2013. ISSN: 1746-1561. Disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/23586891>.

CLEVELAND, E. Digit ratio, emotional intelligence and parenting styles predict female aggression. **Personality and Individual Differences**, EUA, v. 58, p. 9-14, 2014.

EATON, D. K. et al. Youth risk behavior surveillance-United States, 2011. **Morbidity and Mortality Weekly Report: Surveillance Summaries**, EUA, v. 61, n. 4, p. 1-162, 2012. ISSN: 1546-0738.

FERRARA, P. et al. A focus on recent cases of suicides among Italian children and adolescents and a review of literature. **Italian journal of pediatrics**, EUA, v. 40, n. 1, p. 69, 2014. ISSN: 1824-7288.

FREIRE, I.; SIMÃO, A.; FERREIRA, A. O estudo da violência entre pares no 3º ciclo do ensino básico: um questionário aferido para a população escolar portuguesa. **Revista Portuguesa de Educação**, PRT, v. 19, n. 2, p. 157-83, 2006.

HARDEN, K. et al. Population density and youth antisocial behavior. **Journal of child psychology and psychiatry**, EUA, v. 50, n. 8, p. 999-1008, 2009. ISSN 1469-7610.

HIGGINS, C. How to improve the school ground environment as an antibullying strategy. *In*: SHARP, S. e SMITH, P. (Ed.). **Tackling Bullying in Your School**. London, Routledge, 1994. p.133-73.

IBGE, I. B. D. G. E. E. **Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar - 2012**. Rio de Janeiro, IBGE, 2013. ISBN: 978-85-240-4278-2.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Censo Demográfico 2010**. Rio de Janeiro, IBGE. ISSN: 0104-3145 (meio impresso).

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2009**. Rio de Janeiro, IBGE, 2009. ISBN: 978-85-240-4107-5.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2012**. Rio de Janeiro, IBGE, 2013. ISBN 978-85-240-4278-2.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2015**. Rio de Janeiro, IBGE, 2016. ISBN 978-85-240-4387-1.

ISMAIL, W. et al. Why do young adolescents bully? Experience in Malaysian schools. **Comprehensive Psychiatry**, EUA, v. 55, p. 114-120, 2014.

KOSCIW, J. G. et al. **The 2011 National School Climate Survey: The Experiences of Lesbian, Gay, Bisexual and Transgender Youth in Our Nation's Schools**. ERIC, 2012. ISBN: 193409210X.

KUBWALO, H. et al. Prevalence and correlates of being bullied among in-school adolescents in Malawi: results from the 2009 Global School-Based Health Survey. **Malawi Med J**, EUA, v. 25, n. 1, p. 12-4, mar/2013. ISSN 1995-7262. Disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/23717749>.

LAI, D. W. L. Violence exposure and mental health of adolescents in small towns: an exploratory study. **Can J Public Health**, EUA, v. 90, n. 3, p. 181-84, 1999. ISSN: 1920-7476.

LEVANDOSKI, G.; CARDOSO, F. Imagem corporal e status social de estudantes brasileiros envolvidos em bullying. **Revista Latinoamericana de Psicología**, Bogotá, v. 45, n. 1, p. 135-45, 2013.

LOPES NETO, A. Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. **J Pediatr (Rio J)**, Porto Alegre, v. 81, n. 5, p. 164-72, 2005.

MAZUR, J.; TABAK, I.; ZAWADZKA, D. Determinants of bullying at school depending on the type of community: ecological analysis of secondary schools in Poland. **School mental health**, EUA, v. 9, n. 2, p. 132-142, 2017. ISSN 1866-2625.

MELIM, F.; PEREIRA, B. Prática desportiva, um meio de prevenção do bullying na escola? **Movimento**, Rio Grande do Sul, v. 19, n. 2, p. 55-77, 2013.

MOORE, S. E. *et al.* Adolescent peer aggression and its association with mental health and substance use in an Australian cohort. **J Adolesc**, EUA, v. 37, n. 1, p. 11-21, jan/2014. ISSN: 1095-9254. Disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/24331300>.

NOCENTINI, A.; MENESINI, E.; SALMIVALLI, C. Level and change of bullying behavior during high school: a multilevel growth curve analysis. **J Adolesc**, EUA, v. 36, n. 3, p. 495-505, jun/2013. ISSN: 1095-9254. Disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/23523327>.

OBRDALJ, E. C. *et al.* Trauma symptoms in pupils involved in school bullying--a cross sectional study conducted in Mostar, Bosnia and Herzegovina. **Coll Antropol**, EUA, v. 37, n. 1, p. 11-6, mar/2013. ISSN: 0350-6134. Disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/23697244>.

OLWEUS, D. **Bullying at school: what we know and what we can do**. Oxford, Blackwell, 1993.

OLWEUS, D. **The revised Olweus bully/victim questionnaire**. University of Bergen, Research Center for Health Promotion, 1996.

PEGUERO, A. Bullying victimization and extracurricular activity. **Journal of School Violence**, EUA, v. 7, n. 3, p. 71-85, 2008.

PEPLER, D. *et al.* Developmental trajectories of bullying and associated factors. **Child Dev**, EUA, v. 79, n. 2, p. 325-38, mar-abr/2008. ISSN: 0009-3920. Disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/18366426>.

PEREIRA, B. **Para uma escola sem violência: estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças.** Lisboa, Fundação Calouste Gulbekian, 2006.

PERREN, S.; ALSAKER, F. D. Social behavior and peer relationships of victims, bully-victims, and bullies in kindergarten. **J Child Psychol Psychiatry**, EUA, v. 47, n. 1, p. 45-57, jan/2006. ISSN: 0021-9630. Disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/16405640>.

PIEK, J. *et al.* The relationship between bullying and self-worth in children with movement coordination problems. **British Journal of Educational Psychology**, EUA, v. 75, n. 3, p. 453-63, 2010.

RAIMUNDO, R.; SEIXAS, S. Comportamentos de bullying no 1º ciclo: estudo de caso numa escola de Lisboa. **Interações**, Campo Grande, n. 13, p. 164-86, 2009.

SALMIVALLI, C. Bullying and the peer group: a review. **Aggression and Violent Behavior**, EUA, v. 15, p. 112-20, 2010.

SIJTSEMA, J. J. *et al.* Empirical test of bullies' status goals: assessing direct goals, aggression, and prestige. **Aggress Behav**, EUA, v. 35, n. 1, p. 57-67, 2009 jan/2009. ISSN: 1098-2337. Disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/18925635>.

TSAI, S.-C. Childhood Bullying of Males on the Basis of Sexual Orientation in Rural North America: A Longitudinal Examination of Victims' Perceptions, Part one: the 1960s. **Asian Journal of Humanities and Social Sciences (AJHSS)**, EUA, v. 2, n. 4, 2014.

WEENINK, D. Delinquent behavior of Dutch rural adolescents. **Journal of youth and adolescence**, EUA, v. 40, n. 9, p. 1132, 2011. ISSN: 0047-2891.

WOLKE, D. *et al.* Bullying and victimization of primary school children in England and Germany: prevalence and school factors. **Br J Psychol**, EUA, v. 92, n. Pt 4, p. 673-96, Nov 2001. ISSN: 0007-1269. Disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/11762868>.

WONG, D.; CHAN, H.; CHENG, C. Cyberbullying perpetration and victimization among adolescents in Hong Kong. **Children and Youth Services Review**, EUA, v. 36, p. 133-40, 2014.

YANG, S. J. *et al.* Differences in predictors of traditional and cyber-bullying: a 2-year longitudinal study in Korean school children. **Eur Child Adolesc Psychiatry**, EUA, v. 22, n. 5, p. 309-18, May 2013. ISSN: 1435-165X. Disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/23640732>.

ZEQUINÃO, M. A. *et al.* School bullying: A multifaceted phenomenon. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 42, n. 1, p. 181-198, 2016. ISSN: 1517-9702.

ZEQUINÃO, M. A. *et al.* VULNERABILIDADE E BULLYING ESCOLAR: INTERFACES TEÓRICAS POSSÍVEIS. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 20, n. 3, 2017. ISSN 1980-6183.

Financiamento

Esta pesquisa contou com apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior por meio da bolsa PNPd/CAPES nº 1663167.

Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade do Oeste de Santa Catarina. Título: Efeitos de um programa de intervenção contra o bullying escolar em crianças com o perfil de vítimas-agressoras.

Publisher

Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Educação Física e Dança. Publicação no Portal de Periódicos UFG. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.